



CA (FN) **Nélio** de Almeida
nelio@marinha.mil.br

Divisão do Campo de Batalha e a Batalha Profunda



O CA (FN) **Nélio** é atualmente o Comandante do Desenvolvimento Doutrinário do Corpo de Fuzileiros Navais. É oriundo de Escola Naval. Coursou os Cursos de Altos Estudos de Política e Estratégia da Escola Superior de Guerra, de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM) da Escola de Guerra Naval e o *Command and Staff College and On-The-Job Training* nos Estados Unidos. Já Comandou o Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, o Batalhão Logístico de Fuzileiros Navais e o Centro de Reparos e Suprimentos Especiais do Corpo de Fuzileiros Navais. É, também, cursado nos cursos de Formação de Avaliadores de Prêmio da Qualidade do Governo Federal e de Autoavaliação de Gestão.

1. Generalidades

No CFN, a chamada divisão do campo de batalha se deu, particularmente, a partir da aplicação do conceito de Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais na Marinha do Brasil que por sua vez, é inspirado no Corpo de Fuzileiros Navais Americano, o Marine Air-Ground Task Force (MAGTF). Os americanos, empregam a filosofia da divisão do trabalho inspirada em princípios da ciência da administração, passaram a adotar a ideia dos componentes de combate terrestre, de apoio de serviços ao combate e de combate aéreo, esses comandados por um componente de comando. As necessidades geradoras que levaram os americanos a optarem por essa filosofia de organização, basicamente se referem à grande amplitude que tomou o apoio logístico nas Operações Anfíbias, bem como o apoio de aviação, tornando difícil para um mesmo comandante tratar desses aspectos, além de conduzir a manobra propriamente dita para a conquista da cabeça de praia.

Assim sendo, esse conceito que também foi motivado pela ampliação das responsabilidades de ligações externas para a coordenação de manobra, fogos, apoio logístico, aspectos estratégicos e outros, com os Comandos externos e superiores à Força de Desembarque, fez com que essa filosofia da divisão do trabalho fosse valiosa para o CFN. Deste modo, a partir da divisão da organização do Grupamento Operativo, passou-se a trabalhar também com divisão do campo de batalha. Então nos referimos agora a batalha de retaguarda, área de atuação do componente de apoio de serviços

ao combate; a batalha aproximada, que é o terreno onde o componente de combate terrestre vai exercer as suas atividades; e a batalha profunda, que se dá após essa área da batalha aproximada, onde a principal ferramenta da Força de Desembarque é a aviação.

Inicialmente, esse conceito explorava a ideia de que caberia ao Comandante da Força de Desembarque a responsabilidade pela batalha profunda, mas o crescimento das responsabilidades e preocupações dele em relação às ligações externas e de integração do trabalho de todos os componentes, ou seja, cuidar do que foi titulado a batalha única, fez com que merecessem uma outra solução para o tratamento da batalha profunda. Sendo assim, considerando que o principal meio que permite, dentro da Força de Desembarque, atuar na batalha profunda é a aviação, esta passou a ser responsabilidade do Componente de Combate Aéreo.

A filosofia dos GptOpFuzNav e das batalhas de retaguarda, aproximada, profunda e única foi importada para a doutrina do CFN brasileiro e, com algumas experiências, mostrou-se válida. Lembrando que, embora por razões diferentes, essa validação deu-se também devido a grande flexibilidade de possibilidades de atuação, ou seja, como uma organização flexível, muito atrelada aos ditames do processo de planejamento militar, em particular na segunda etapa é que esse conceito foi validado. Não pelas mesmas razões, em termos de amplitude e vulto dos aspectos logísticos da aviação, mas pela necessidade de maior gerenciamento decorrente da carência desses elementos (logística e aviação).

2. Definições

É importante saber que o **Espaço de Batalha** é composto pelo ambiente e por fatores e condições que devam ser compreendidos para a adequada aplicação do poder de combate, proteção da Força e cumprimento da missão. Esse Espaço abrange os cinco domínios operacionais, quais sejam: marítimo, terrestre, aéreo, espacial e cibernético, assim como as Forças amigas e inimigas, o espectro eletromagnético e as condições climáticas e meteorológicas existentes na área em que uma Força exerce todas as funções de combate necessárias ao cumprimento de sua missão.

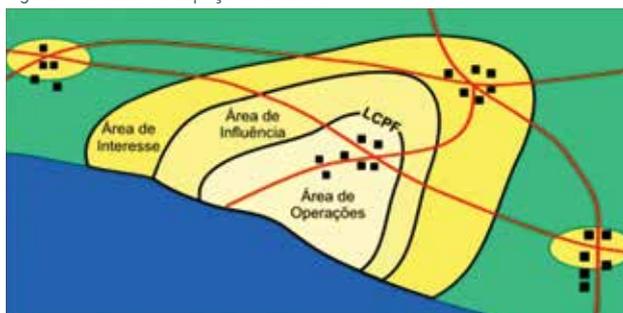
Sua organização será estabelecida utilizando-se de medidas de coordenação e controle, atribuição de responsabilidades, e coordenação de apoio de fogo e manobra.

As principais considerações na determinação da extensão do Espaço de Batalha incluem: a capacidade de comando e controle do GptOpFuzNav; sua capacidade de inteligência; o conceito do comandante no emprego das armas orgânicas e de apoio; e a disposição da Força inimiga.

Para melhor entendimento dos fundamentos das batalhas pelas quais os componentes do GptOpFuzNav são responsáveis, é válido relembrar algumas definições:

- Área de responsabilidade – espaço sobre o qual um comando tem total responsabilidade para conduzir e coordenar as ações necessárias ao cumprimento de sua missão.
- Área de influência – espaço, incluindo a área de responsabilidade, onde o comandante pode influir na ação com seus próprios meios.
- Área de interesse – espaço, incluindo as duas áreas anteriores, onde, embora o comandante não possa influir, os acontecimentos poderão influenciar o cumprimento de sua missão.
- Batalha de Retaguarda – conjunto de ações ligadas ao espaço de atuação do CASC.
- Batalha Aproximada – conjunto de ações ligadas ao espaço à frente do CASC, de atuação do CCT.
- Batalha Profunda – conjunto de ações ligadas ao espaço, à frente do CCT, de atuação do CCA.
- Batalha de Comando e Controle – conjunto de ações relacionadas com as atividades de C2.

Figura 1: Divisão do Espaço de Batalha



Fonte: O Autor

3. Tarefas dos componentes nas batalhas

Em princípio, além dos aspectos inerentes à prontificação de seus respectivos componentes, caberá ao comandante do CCT o planejamento e a execução da batalha aproximada; ao comandante do CCA o planejamento e execução da batalha profunda e da defesa aeroespacial do GptOpFuzNav, além do apoio aéreo aos demais componentes; e ao comandante do CASC a batalha de retaguarda, quando a ele for atribuída a segurança dessa área, além do apoio logístico ao GptOpFuzNav como um todo.

Figura 2: O Componente de Comando



Fonte: CDDCFN

Ao comandante do GptOpFuzNav caberá o planejamento da integração e a sincronização, além da supervisão geral, de todas as batalhas e atividades afetas a cada componente. Para os detalhes do planejamento e a execução da batalha de comando e controle, haverá um Comandante de apoio ao Comando, diretamente subordinado ao comandante do GptOpFuzNav, a quem ficarão subordinados todos os elementos que operam os sistemas de C2 do grupamento.

Figura 3: O Componente de Combate Terrestre



Fonte: CDDCFN

O comandante do GptOpFuzNav terá suas atenções voltadas para todos os componentes, focando o planejamento nas futuras ações. Havendo a necessidade de intervir no controle da ação planejada, voltar-se-á para a situação corrente. Mantém também estreito relacionamento com o escalão superior, forças amigas e em apoio, ou, ainda, civis na área de operações, com vistas à manutenção do maior grau possível de eficiência de sua força e à obtenção dos meios adicionais necessários.

Figura 4: O Componente de Combate Aéreo

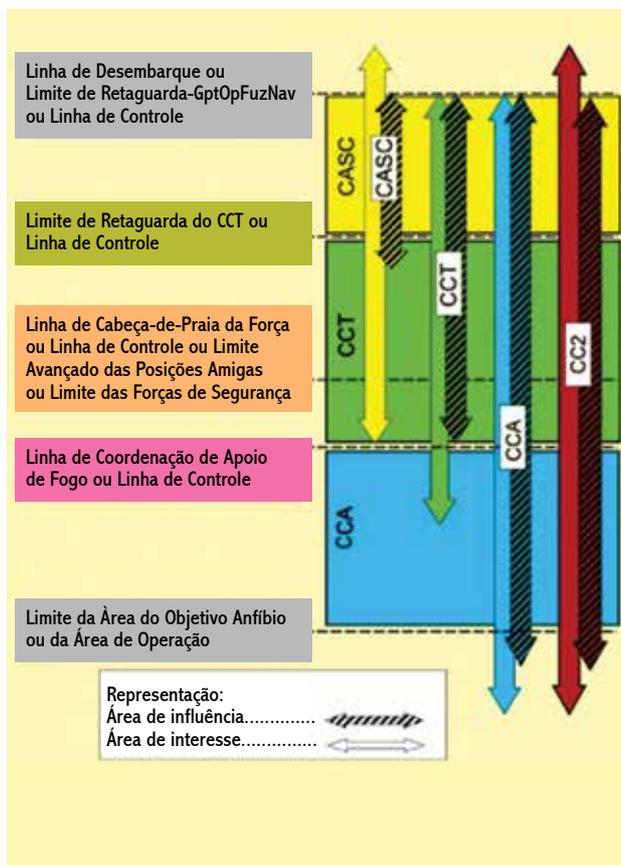


Fonte: CDDCFN

O planejamento no nível do GptOpFuzNav difere de seus componentes por ser mais amplo e menos detalhado. Ele buscará definir genericamente a participação de cada componente no cumprimento da missão do GptOpFuzNav, cabendo aos comandantes de componentes o detalhamento necessário. De forma geral, os planos evitarão a duplicidade de conteúdos entre as diretivas do GptOpFuzNav e as de seus subordinados.

A figura a seguir representa as áreas de atuação dos componentes.

Figura 6: CGCFN-1000 – Manual de Organização e Emprego de Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais



Fonte: Autor

Figura 5: O Componente de Apoio de Serviços ao Combate



Fonte: CDDCFN

4. Considerações Adicionais

A Batalha Profunda, como foi dito inicialmente, era de responsabilidade do ComForDbq, mas as responsabilidades de ligação e coordenação com outros elementos externos à ForDbq e de integração do trabalho dos demais componentes cresceu tão consideravelmente que o componente de combate aéreo passou a ser o grande responsável por essa batalha.

Nessa hora, a Linha de Coordenação de Apoio de Fogo (LCAF) surge, naturalmente, como a divisão espacial entre a batalha aproximada do Componente de Combate Terrestre e a Batalha Profunda do Componente de Combate Aéreo. Importante registrar que a Batalha Profunda vai se dar, não somente com o emprego de aviação de maneira geral, mas também englobando todos os efeitos desejados percebidos pelo ComForDbq, sejam eles resultantes do emprego da aviação, dos elementos logísticos, ou mesmo do elemento de reconhecimento ou de ações terrestres, que em tese é de responsabilidade desse Componente de Combate Aéreo.

Nesse conceito, diferentemente da antiga postura do Componente de Combate Aéreo, em que ele reagia a solicitações de apoio de fogo, de transporte aéreo, entre outros, ele agora é o grande protagonista na definição “do que fazer”. Assim o ComForDbq vai lhe atribuir tarefas em termos de efeitos desejados e não mais missões específicas, e caberá ao Comandante do CCA planejar e executar as ações que contribuirão no atendimento do efeito desejado atribuído à Batalha Profunda. Essa ideia traduz o conceito de “Modelar o Combate”, que ocorre normalmente nesse setor do Espaço de Batalha, quando o ComForDbq idealiza uma situação favorável, dentro da qual a sua missão possa ser cumprida da melhor maneira possível, e busca impor aos fatores da decisão eventos cujas reações sejam favoráveis à consecução dessa situação idealizada.

Assim, cabe pensarmos o que está em curso e como o CCA deve estar estruturado e em decorrência disso, como devemos, seguindo os fatores de geração de capacidades, pensar em doutrina, organização, material, entre outros. Tudo isso deve estar em condições de ser colocado sobre o controle do CCA para que ele possa executar suas tarefas, crescendo de importância nessa hora os aspectos de Comando e Controle para vencer tal desafio.

.....

Referências

BRASIL. Marinha. Corpo de Fuzileiros Navais. Comando-Geral. **CGCFN-1000**: Manual de Organização e Emprego de Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **CGCFN-0-1**: Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2010.

_____. _____. Rio de Janeiro, 2011.

ESTADOS UNIDOS. Department of the Army. **FM 100-15**: Corps Operations. Washington, D.C., 1996.

ESTADOS UNIDOS. Marine Corps. **MCDP-1-0**: Marine Corps Operations. Washington, D.C., 2001.

